

Ciência, afeto e astúcia na peça teatral *lição de botânica*: a dramaturgia de Machado de Assis

Science, affection and cunning in the play *lição de botânica*: the dramaturgy of Machado de Assis

DOI:10.34117/bjdv8n5-154

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

Moisés Monteiro de Melo Neto

Doutor

Instituição: Universidade Estadual de Alagoas

Endereço: Rua Gervásio Pires, 332, ap. 1104. Recife –PE. CEP: 50050-070

E-mail: moises.monteiro@uneal.edu.br

Ewelym da Silva Oliveira

Graduanda em Letras pela UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas)

Endereço: Travessa Nossa Senhora de Fátima, 27 – Centro. CEP: 57.325-000, Coité do Nóia – AL

E-mail: ewellym@alunos.uneal.edu.br

Mychel Arthur Martins França

Graduando em Letras pela UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas)

Endereço: Rua Santa Sofia, nº 621. Bairro Camoxinga, Santana do Ipanema - AL
CEP: 57500-000

E-mail: mychel@alunos.uneal.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise sobre a peça teatral *Lição de Botânica*, de Machado de Assis, abordando aspectos da obra em estudo. Nesta perspectiva, foram destacadas algumas características da escrita do autor, abordando aspectos ideológicos, procurando entender qual a relação da ciência com o contexto cultural da época e as afinidades eletivas do período no qual se enquadra a mencionada peça. Quanto ao aporte teórico, buscamos apoio em Prado (1999), Gardair e Schall (2009), Melo (2003, 2004), Magaldi (2001) e Zafalon (2017). E como resultado obtido acerca da análise da peça, de acordo com o período sociocultural da sociedade carioca, podemos perceber que os personagens discutem e representam as realidades sociais da época, trazendo marcas do movimento Realista no Brasil.

Palavras-chave: dramaturgia brasileira, realismo, machado de assis, lição de botânica.

ABSTRACT

This article aims to present an analysis of the play *Botany Lesson*, by Machado de Assis, approaching aspects of the work under study. In this perspective, some characteristics of the author's writing were highlighted, approaching ideological aspects, trying to understand the relationship between science and the cultural context of the time and the elective affinities of the period in which the aforementioned play falls. As for the theoretical contribution, we seek support from Prado (1999), Gardair and Schall (2009),

Melo (2003, 2004), Magaldi (2001) and Zafalon (2017). And as a result obtained about the analysis of the play, according to the sociocultural period of the carioca society, we can see that the characters discuss and represent the social realities of the time, bringing marks of the Realist movement in Brazil.

Keywords: brazilian dramaturgy, realism, machado de assis, botany lesson.

1 INTRODUÇÃO

O gênero dramático ganhou força a partir do Romantismo. A grande batalha contra os cânones clássicos travou-se em França. Embora a vitória fosse de duração breve, ela teve influência profunda sobre a dramaturgia moderna. Através da mediação de Madame de Staël, as tendências fundamentais do romantismo alemão foram transmitidas à França, há muito preparada por desenvolvimentos próprios a receber o germe da rebeldia. Essa disposição tornou possível o imenso êxito de uma companhia inglesa que, em 1827/28 apresentou Shakespeare em Paris. O entusiasmo de Victor Hugo (1802 - 1885) foi tamanho que chamou Shakespeare "o maior criador depois de Deus". No seu prefácio a Cromwell iria exclamar: "Em nome da verdade, todas as regras são abolidas, sendo o artista senhor de escolher as convenções que lhe aprouverem, a começar pela linguagem que poderá ser prosa ou verso." (A tragédia clássica era toda em verso). Alfred de Vigny (1797 - 1863) acompanha esta proclamação rompendo com a unidade aristotélica de tempo, espaço e ação, nada de distinções entre os gêneros, nada de "estilo nobre".

No Brasil é Gonçalves Dias, com a tragédia Leonor de Mendonça, que vai encarnar o espírito romântico com mais intensidade. Inspirada em fatos reais, o texto conta a história de uma mulher que é assassinada pelo marido, o conde Dom Jaime, por ciúme, nos moldes de Otelo, de Shakespeare. Machado de Assis vem com textos didáticos, mas Luís Carlos Martins Pena vai se revelar um comediógrafo notável nesse período, a denunciar as mazelas sociais que infestavam o Brasil.

Suas obras estão classificadas no gênero "comédia de costumes", inaugurado por ele, e se empenham no retrato de situações cômicas da realidade brasileira compondo uma espécie de sátira social. Além disso, é responsável por criar tipos característicos e situações peculiares tanto no ambiente urbano quanto no ambiente rural. O malandro, o estrangeiro e a mulher (responsável por "segurar as pontas" da família), são talvez seus personagens mais característicos. No retrato do ambiente urbano, Pena trabalha na sátira dos costumes da classe média carioca do século XIX, principalmente, com relação aos

relacionamentos amorosos e a busca pela ascensão social. Pena escreve para as camadas mais populares, decorrendo daí a sua popularidade. Escreveu, durante sua curta vida, cerca algumas peças que, na maior parte, foram encenadas na época. Suas peças mais famosas são: *O juiz de paz na roça* (1842), *Casadas solteiras* (1845) e *Os dois ou o inglês maquinista* (1871, publicada após a morte do autor).

O drama realista ganhou importância especialmente com as peças do norueguês Henrik Ibsen, que retratou acontecimentos sociais da época em suas peças teatrais. Já no teatro inglês, George Bernard Shaw abordou em suas peças os problemas sociais de maneira engraçada e engenhosa. Sua primeira obra foi *Casa de Viúvos*, em 1892.

No Brasil, o teatro realista retrata a realidade do povo brasileiro, colocando ênfase nos problemas sociais identificados na época. Em vez dos personagens românticos, as peças trazem como personagens os trabalhadores e as pessoas mais simples.

Quanto aos autores que se aproximariam do Realismo, temos o humor refinado de Machado de Assis, algo de José de Alencar (*O Demônio Familiar*) e Joaquim Manuel de Macedo (*Luxo e Vaidade*), Artur de Azevedo, Quintino Bocaiúva e França Júnior.

Em referência à *Lição de Botânica*: a peça foi escrita em 1905. Olhando os jornais cariocas, achamos uma primeira encenação da mesma em 1913, por alunos do Instituto Beltrão (Rio de Janeiro). Mas não dá para precisar que tenha sido a primeiríssima, pois demandaria um tempo maior de pesquisa para confirmar. O que vemos na ação dramática de *Lição de Botânica*, é uma movimentação singela, também não encontramos nela momentos de tensão ou fortes conflitos dramáticos. Tudo transcorre sustentado por uma linguagem (somos seres de linguagem!) elegante. Também na composição dos personagens Machado está no seu campo favorito: são personagens finos, educados e inteligentes. Já nas falas triunfam duelos verbais, a ironia, e algo que Freud estudou muito bem: os chistes. A comédia machadiana é leve, quer tirar da plateia um riso educado, cidadão civilizado.

Machado foi o primeiro presidente e fundador da Academia Brasileira de Letras. A figura mais expressiva da corrente realista nasceu no Rio de Janeiro. Era filho de um pintor de paredes e de uma imigrante açoriana. Foi considerado o maior romancista brasileiro. Ele ficou conhecido por sua obra, por sua contribuição, à literatura brasileira, aos postulados realistas, pelos caminhos que abriu à nossa história literária. Seu realismo está longe da ortodoxia, sempre se mostrou contrário aos modismos. Fundiu objetividade com subjetividade, primou pela opinião constante do narrador. Afirmava que “a realidade era boa e o realismo mau”, dizia não ser realista de escola, o que importa era refletir sobre

a realidade, ser comprometido com ela. Tímido, mulato, gago, epiléptico, frequentou apenas a escola primária, trabalhou desde a infância. Perdeu os pais cedo foi criado por uma madrasta. Apesar de tudo isto chegou à elevada posição como funcionário público, obteve consideração social desde a época em que nosso país era uma monarquia escravocrata. Sua obra retratou também o início do período republicano.

Machado foi jornalista, crítico literário, crítico teatral, teatrólogo, poeta, contista, romancista, cronista (destacou-se com seus contos e romances). Preocupou-se deveras com o estilo – a expressão e o modo de compor – com a organização dos temas, com a linguagem pensante, com a análise do comportamento humano, com o caráter enfim a Psicologia do personagem. No teatro temos os textos: *Queda que as mulheres têm para os tolos*; *Desencantos*; *Hoje avental, amanhã luva*; *O protocolo*; *Quase Ministro*; *Os deuses de casaca*; *Tu, só tu, puro amor*; *Não consulte médico*; *Lição de Botânica*.

A literatura machadiana tem papel de grande importância em nossa sociedade. Ao analisarmos sua peça teatral *Lição de Botânica*, ressaltamos o contexto que a envolve, levando em consideração os costumes, as crenças, as tradições e a cultura do local e época onde transcorre a ação. São aspectos que completam todo um conjunto na escrita, abordando muitas vezes questões políticas e sociais daquele período.

Alguns autores brasileiros do Realismo no teatro inspiravam-se em Alexandre Dumas Filho, Machado de Assis inspirava-se em Alfred de Musset para compor sua comédia refinada, ainda cheirando a provérbio dramático, típico de um tipo de dramaturgia que brilhou nos salões aristocráticos franceses, no século XVII, e que parecia uma diversão com encenações divertidas, no interior das quais a ação dramática ilustrava um provérbio que ao final devia ser deduzido a partir da encenação.

A vasta produção de Machado o conduziu a sua consagração, fazendo dele um dos maiores e mais renomados autores brasileiros. Autor de variadas obras, como romances, crônicas, contos, poemas, textos críticos e peças teatrais, possui um olhar atento e aguçado sobre as contradições políticas e sociais da época.

Como sabemos, o teatro é uma forma de arte onde se faz necessária a existência de dramaturgos, peças, mas principalmente artistas e público, tendo como principal objetivo despertar sentimentos a quem assiste. Machado de Assis escreveu a maior parte de sua obra teatral no período em que o teatro realista chegou no Brasil, especificamente, aos palcos do Rio de Janeiro, local onde o escritor nasceu e que tão bem retratou ao abordar questões de cunho social e cultural em boa parte de seus escritos. Em certos pontos da obra dramática do Bruxo do Cosme Velho, percebemos que falta certa

“carpintaria teatral”, isto é, falta-lhe o conhecimento mais específico de técnicas para a escrita cênica.

Com a evolução do teatro brasileiro no século XIX, Machado inicia seu trabalho como dramaturgo justamente no momento em que o teatro passava por uma grande transformação, com a passagem do Romantismo para o teatro realista. Suas obras teatrais foram publicadas entre 1860 a 1906.

O teatro realista possuidor de certo grau moralidade, agradando a sociedade burguesa justamente por tratar de assuntos de relevância e por representar o bom gosto e estilo de vida daquele período. Prado afirma que:

Em termos mais precisos, os dramaturgos que criaram a comédia realista abordaram de preferência os costumes da burguesia, classe com a qual se identificavam e para qual dirigiam sua produção. Questões relativas à família, ao casamento, ao trabalho, ao dinheiro, à prostituição, entre outras, foram então debatidas no palco, transformado em tribuna consagrada dos valores éticos da burguesia [...] (PRADO 1999, p.80)

Nesta perspectiva, as características acima mencionadas por Prado, facilmente são encontradas nas obras de Machado de Assis, que aborda tais questões sociais e cotidianas, como podemos notar na peça teatral *Lição de Botânica*, escrita em 1906, última peça escrita pelo autor, dois anos antes da sua morte, no qual é perceptível a combinação entre ciência e teatro e a modernização da sociedade carioca brasileira por meio da arte.

A comédia *Lição de Botânica* é uma pequena obra prima de humor, tratando de ciência e sentimentos, em tom um tanto quanto filosófico. A peça, escrita em um único ato acontece na sala de D. Leonor. É dividida em 14 cenas, desenvolvendo os elementos recorrentes da obra de Machado, trazendo personagens de grande personalidade, sendo eles: D. Helena, D. Leonor, D. Cecília, Barão Segismundo de Kernoberg (o jovem Henrique que é apenas citado na peça), tendo deste modo a figura feminina um papel importantíssimo. O desajuste de princípio entre as relações sociais brasileiras no final do século XIX e as ideias e instituições importadas da Europa ronda esta comédia, digamos assim, ideológica, que ganhou, através da genial criatividade de Machado de Assis, uma forma artística e que serve de exemplo da nossa antimodernidade, de certo modo.

O presente artigo abordará o panorama cultural da obra em estudo, trazendo uma análise sobre a relação entre arte e ciência e como ela é vista e direcionada no decorrer da peça.

2 TEXTO E CONTEXTO: A VISÃO DE UM AUTOR PERSPICAZ

Assim a mimese machadiana se lastreia um pouco na redução em linguagem de aspectos sociais que apontam perfis de alguns brasileiros e o que eles têm de diferente em relação aos europeus. Sua linguagem não deixa de ser representação da realidade segundo princípios formais riquíssimos. A forma literária em *Lição de Botânica* não está separada do processo social do qual faz parte. O autor não se desvinculou dos problemas de um país com ranço colonial, um Império sem autonomia e uma República cujo critério nacionalista era de baixo teor. De certo modo o comportamento de D. Leonor resume o comportamento de seus pares. A classe pequeno burguesa à qual Machado ansiava pertencer através dos seus personagens, trazia para o contexto brasileiro as ideias liberais europeias, que se tornavam brasileiras nas entranhas num artifício que analisado por dentro mostra tal deslocamento, como o próprio autor da peça que durante muitos anos ocupou postos na administração pública, no burocratismo.

Machado cria metáforas para falar da evolução na ciência que o ser humano realiza ao tratar da evolução do estudo de Botânica, daí, sempre sagaz, fala de tópicos como civilidade e, claro, do nosso “jeitinho” (brasileiro). Busca o tom coloquial, tão fundamental no teatro. Ele dá um passo além do Romantismo e atualiza a tradição cômica no drama, herança romântica. Continua com suas famosas tiradas filosóficas recheadas de humor e ainda expõe, de modo bem peculiar, suas visões sobre literatura, nacionalidade, criando dentro do enredo da peça – que teria como eixo um possível desacordo entre casamento e ciência.

Vejamos como ele recheia seus personagens e como trabalha neles, ou entre eles, algumas atitudes contrastantes: o Barão Sigismundo é um cientista sueco sábio de cheio de conhecimentos, um cartesiano rígido, formalíssimo, tenaz no propósito de impedir o relacionamento amoroso do sobrinho. Já as vizinhas brasileiras, têm o vigor ao agir diante de certos desafios da vida. Enquanto o Barão tem pensamentos e ações mecânicas e elas a espontaneidade, senso prático e outro tipo de saber, inclusive conhecimento intuitivo das leis da natureza e acabam ministrando a mencionada “lição de botânica” para o próprio cientista sueco.

A personagem central da peça, Helena, busca ao seu modo unir o jovem casal, fingindo muito interesse pelas plantas para que o cientista pesquisador desvie sua perseguição aos namorados. Ela age de maneira esperta, indireta, feminina e envolvente para unir Cecília e Enrique, com as bênçãos do formalíssimo professor. Quer conhecer as armas do inimigo para cativá-lo a partir daí. Algo dos encantos de uma conquistadora

bem intencionada, Seu súbito interesse por botânica torna-se um ardid e o professor sente-se atraído por ela. O autor trabalha recursos como a metáfora, carro forte da metáfora da comédia e discute até eu ponto vale a pena ser tão científico. Uma lição bem divertida e útil. Sabor e saber.

A história inicia-se com um bilhete de Barão de Sigismundo destinado à D. Leonor, onde dizia: “—Minha senhora, permita que o mais respeitoso vizinho lhe peça dez minutos de atenção. Vai nisto um grande interesse da Ciência” (ASSIS, 2003, p. 3). Apesar de Leonor não ter muito interesse pela ciência, o bilhete em questão lhe causou grande curiosidade, já que aquela senhora acreditava não possuir assunto em comum com o Barão, que por ser botânico de nascença, não se dedica a outra coisa a não ser a ciência, interesse esse herdado de sua família que sempre possuiu verdadeiro apreço e dedicação aos estudos da Botânica.

A botânica (ciência dos vegetais) é o ramo da biologia que se dedica ao estudo de plantas, algas, abrangendo aspectos do crescimento, da reprodução, do desenvolvimento, do metabolismo, das doenças e evolução dos organismos vegetais. Estudo científico este que sempre encantou o Barão desenvolvendo seu amor e total dedicação à ciência, não sobrando espaço para mais nada em sua vida, já que para ele, não havia algo mais importante do que isto.

D. Leonor, tem duas sobrinhas. Helena, uma jovem viúva e Cecília uma moça apaixonada por Henrique, sobrinho do botânico sueco. Embora seja um amor ainda recente, o Barão percebe que o sobrinho também tem sentimentos pela moça, e logo imagina o interesse do rapaz em se casar, o que para ele não era correto, pois acreditava que isso atrapalharia seus estudos, já que Henrique também estudava botânica.

Um dos propósitos dessa peça é criticar o entusiasmo cego pela ciência e pelas coisas estrangeiras que tomava conta do país. Uma fala de D. Leonor deixa isso patente: “— Botânico e sueco: duas razões para ser gravemente aborrecido” (MELO, 2003, 2004).

Assim, o autor faz uma crítica aos valores sociais da época por meio de metáforas e de uma linguagem irônica, mas sempre de forma delicada e sentimental, abordando costumes estrangeiros que foram herdados no país. Sua obra se desenvolve perfeitamente bem na comédia realista, e apesar de se tratar de uma peça pequena, podemos notar algumas características da época, com personagens elegantes, que representam muito bem a alta sociedade, tema que muito agrada Machado.

Ademais, o recebimento da carta encheu o coração de Cecília de esperanças. Helena creditava que a ida do barão até sua casa, seria para pedir a mão da jovem para o sobrinho. Leonor, apesar de não ver essa visita com bons olhos por se tratar de um desconhecido, aceita recebe-lo.

A segunda cena desenrola-se em uma conversa de Helena com Cecília, onde a jovem finalmente sente-se à vontade de falar sobre os sentimentos que tem por Henrique, descrevendo detalhes de sua aparência e, encantada, desperta o riso de Helena “ — [...] São assim todos os corações ao pé de todos os Henriques. O teu Henrique viu a porta aberta, e tomou posse do lugar. Não escolheste mal, não; é um bonito rapaz” (ASSIS, 2003, p. 5). Em seguida, as personagens são surpreendidas pela visita do barão e Helena logo avisa a tia.

A cena III inicia-se com a chegada do Barão em sua casa, causando grandes expectativas em Cecília “ —Será deveras ele? Estou trêmula... Henrique não me avisou de nada... Virá pedir-me?... Mas, não, não, não pode ser Tão moço?...” (ASSIS, 2003, p. 5). O que a jovem não sabia é que o motivo daquela visita não era nada agradável, seu objetivo era afasta-la de seu amado, com o intuito de preservá-lo de qualquer distração que o impedisse de estudar botânica, um homem solitário que desejava que o sobrinho tivera o mesmo destino que o seu.

Os textos escritos por Joaquim Maria Machado de Assis despertam o interesse dos leitores para uma apaixonante e desafiadora reflexão e interpretação dos valores humanos. Apesar de ser pouco conhecido como autor teatral, suas peças são de grande relevância, justamente por tratar de assuntos comuns e por apresentar uma comédia leve. Além de uma narrativa brilhante, algo que também chama muita atenção em suas tramas, são a caracterização dos personagens e como os fatos vão se desenrolando no decorrer da obra. Um autor por excelência que deixou seu legado na formação da literatura brasileira e do teatro nacional, onde representa com grande mestria a sociedade brasileira.

A presença de aspectos sociais, em *Lição de Botânica*, por exemplo, sempre fez parte do propósito de escrita de Machado de Assis, levando em consideração, principalmente, o enfoque no alto padrão socioeconômico. Assim, é plausível afirmar que:

Tendo passado do meio operário para o meio do jornalismo e do teatro, Machado se recusou a pintar tanto um quanto outro. Desprezou as fontes de observação que a existência lhe dera. Sempre com a sua mania de se elevar socialmente, quis escrever para damas da sociedade. (PEREIRA, 1936, p. 149).

Nessa perspectiva, fica evidente que Machado utilizou a figura de D. Leonor e suas sobrinhas, para explicitar e representar as elevações social e econômica presentes na alta sociedade carioca da época, transitando pela representação dos pequenos burgueses.

A jovem Cecília, fica corada ao receber o barão em sua casa, acreditava que este poderia vir a ser seu tio quando se casasse com Henrique. Incomodada com a demora da tia em vir receber a visita, decide subir para seu quarto, até que o Barão puxa um livro do bolso e inicia uma conversa “—V. Excia. há de desculpar-me. Recebi hoje mesmo este livro da Europa; é obra que vai fazer revolução na ciência; nada menos que uma monografia das gramíneas, premiadas pela Academia de Stockholmo” (ASSIS, 1906, p. 6). Cecília volta a sala e o barão começa a falar sobre o único assunto que lhe interessava, a botânica, em especial as gramíneas.

É notável, nas obras de Machado, possuir temas relacionados ao casamento, dessa forma, Magaldi observa que, nas peças machadianas, o dramaturgo preocupa-se,

[...] com os episódios relativos ao matrimônio, os amos de um casal ou as primícias do amor. Nunca paixão desvelada, que rompa a serena elegância do trajar (...) No imponderável que cerca os episódios banais percebe-se, porém, sua mão de escritor, que sugere os problemas sem trocá-los em miúdos para a plateia. As dificuldades da adaptação dos esposos, pinta-as com a ligeireza dos caprichos, fazendo que, ao surgir um perigo real para o casamento, se desfaçam as águas turvas para reinar de novo a calma. (MAGALDI, 2001, p. 128).

Neste aspecto, a peça *Lição de Botânica*, além de abordar a ciência, que estava em alta na época, trata-se também do impedimento do casamento entre a bela Cecília com Henrique, sobrinho do Barão de Sigismundo, que colocava os temas científicos a cima dos sentimentos e de tudo que dizia respeito ao coração, demonstrando ser um homem frio e prático e que nunca se submetera ao amor. A trama desenrola-se em torno de um suposto casamento que antes mesmo de acontecer estava por acabar, já que o tio era contra e achava ter motivos para isso, e ao perceber que a intenção do botânico era impedir esse amor, a personagem Helena usa sua persuasão para convencer o barão do contrário.

A cena IV é representada pelo sarcasmo e ironia do Barão em conversa com D. Leonor, onde deixa explícito, diretamente, que chegou à sua casa sem esperar resposta alguma à carta que havia sido enviada para ela. Em seguida, percebemos o suspiro feito por D. Cecília ao se reparar com o início do diálogo de D. Leonor e o Barão, podendo ser representada pela expressão “—Ah, minha Nossa Senhora”. (ASSIS, 2003, p. 6).

Na cena V, percebemos, de início, a apresentação pessoal do Barão Segismundo de Kernorberg, com a exposição da sua profissão e o objetivo de estar ali, que não, por

acaso, será estudar a flora da América do Sul. Podemos notar que o barão deixa claro o interesse do estudo da botânica por parte de sua família, afirmando que o seu sobrinho também há de ser botânico. A paixão por livros nessa área pode ser percebida com clareza nesta cena. É evidente, no prosseguimento do diálogo, que o barão exprime a certeza de que a ciência e o matrimônio não se dão bem, sendo esse um acontecimento impossível e inaceitável. Seguindo por esse contexto, D. Leonor é totalmente contra o pensamento errôneo do barão.

O barão continua a expor a certeza de que o casamento, juntamente com a ciência, não pode ser aceitável, fazendo a confissão, um pouco desconfortável, de que o seu sobrinho está apaixonado por uma das sobrinhas de D. Leonor, pedindo-lhe que o feche a porta caso a procure.

BARÃO— Sou o Barão Sigismundo de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Estocolmo, e comissionado pelo governo da Suécia para estudar a flora da América do Sul. V. Exa. dispensa a minha biografia? (D. Leonor faz um gesto afirmativo.) Direi somente que o tio de meu tio foi botânico, meu tio era botânico, eu botânico, e meu sobrinho há de ser botânico. Todos somos botânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica minha vinda a esta casa.

D. LEONOR— Oh! o meu jardim é composto de plantas vulgares.

BARÃO (gracioso)— É porque as melhores flores estão dentro de casa. Mas V. Exa. Engana-se; não venho pedir nada do seu jardim.

D. LEONOR— Ah!

BARÃO— Venho pedir-lhe uma coisa que lhe há de parecer singular.

D. LEONOR— Fale.

BARÃO— O padre desposa a igreja; eu desposei a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.

D. LEONOR— Não se casa.

BARÃO— Justamente. Mas, V. Exa. compreende que, sendo para mim ponto de fé que a ciência não se dá bem com o matrimônio, nem eu devo casar, nem... V. Exa. já percebeu.

LEONOR— Coisa nenhuma.

BARÃO— Meu sobrinho Henrique anda estudando comigo os elementos da botânica. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos, está perdido.

D. LEONOR— Mas...

BARÃO (à parte): Não entendeu. (Alto.) Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma das suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impus-lhe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que V. Exa. lhe feche a porta.

D. LEONOR— Senhor barão!

BARÃO — Admira-se do pedido? Creio que não é polido nem conveniente. Mas é necessário, minha senhora, é indispensável. A ciência precisa de mais um obreiro: não o encadeemos no matrimônio.

D. LEONOR — Não sei se devo sorrir do pedido...

(ASSIS, 2003, p. 7).

Antes de despedir-se do Barão, Dona Leonor deixa claro que ignora a paixão por parte do sobrinho do Barão e ambos acabam finalizando a conversa com assuntos

relacionados aos costumes da Suécia e afeição do sobrinho do barão na casa de D. Leonor por parte da mesma.

Sendo assim, é plausível falarmos, mais uma vez, que o Barão exhibe, de forma significativa e ao mesmo tempo duvidosa, a ideia de amor e ciência não poderem estar juntos. Por esse lado, Gardair passa a afirmar que

[...] o modo pela qual o barão se expressa pode constituir bom mote para discussão sobre as formas de comunicar conteúdos de ciências. Neste sentido, a peça, por abordar a relação entre o cientista e seus afetos, pode estimular o questionamento sobre a relação entre comunicação científica e os sentimentos do profissional da ciência que, antes de sê-lo, humano é. Tal discussão pode se estender ao campo das relações entre ciência, política e poder. Ao propor a interação entre amor e ciência, Machado de Assis constrói condições favoráveis no debate sobre os benefícios de uma ciência mais humana. (GARDAIR E SCHALL, 2009, p. 707).

À vista disso, fica evidente que em *Lição de Botânica*, Machado de Assis utiliza-se de relações afetivas e favoráveis para a construção de ideologias referentes à ciência que é vista e trabalhada na obra, exprimindo sentimentos e ironia (marca registrada das obras machadianas).

A cena VI é iniciada com a interrupção de D. Helena na conversa com o Sr. Barão de Kernorberg. D. Leonor tranquiliza a sua sobrinha Helena, dizendo que não se trata de um assunto reservado. D. Leonor assegura que o Sr. Barão não quer ser perturbado em seus estudos de botânica. Como de costume, o barão enaltece novamente o seu sobrinho Henrique, garantindo que o seu lugar honroso na ciência está reservado. Podemos perceber, ainda, que o barão retorna com a ideia de que o casamento e a ciência não podem estar juntos e retira-se do ambiente.

Na cena VII, podemos notar, em tom de comédia, assim como na peça inteira, que para se referir a indelicadeza do barão, D. Leonor utiliza-se da expressão “urso”:

D. LEONOR (rindo) – Que urso!
D. HELENA – Realmente...
D. LEONOR – Perdão-lhe em nome da ciência. Fique com as suas ervas, e não nos aborreça mais, nem ele nem o sobrinho.
D. HELENA – Nem o sobrinho?
(ASSIS, 2003, p. 9).

No entanto, a cena passa a ser desenvolvida com a “quase” certeza de que D. Leonor se afastaria de tudo o que tivesse relação com a ciência, onde podemos, também, interpretar o barão incluso nessa decisão momentânea e duvidosa. Em conversa com D. Helena, D. Leonor afirma não gostar da ideia de D. Cecília ter algum tipo de relação com

o sobrinho do barão. D. Em seguida, D. Helena propõe reconciliação com o barão e D. Leonor utiliza-se da desaprovação como resposta. D. Cecília chega e questiona o que está acontecendo.

D. HELENA – Pobre Cecília!
D. LEONOR – É ter paciência, sujeite-se às circunstâncias... (A D. Cecília, que entra) Ouviste?
CECÍLIA – O que, titia?
D. LEONOR – Helena te explicará tudo. (A D. Helena, baixo).
Tira-lhe todas as esperanças. (indo-se). Que urso! que urso!
(ASSIS, 2003, p. 9).

A cena VIII tem o seu início apresentado pela curiosidade de D. Cecília acerca do que havia sido discutido sobre ela no diálogo gerado por D. Leonor e D. Helena. Como pode ser percebido, a jovem se interessa em saber se a tia recusou a sua mão. D. Helena diz que quem se renega a aceitar a existência de amor e ciência ao mesmo tempo, é o barão. Fica claro, nesta cena, que D. Cecília ver, em Henrique, características angelicais, tendo em mente que ele possa ter uma concepção diferente da que foi apresentada pelo barão. Podemos compreender, nesse sentido, que D. Cecília defende que amar não impede de estudar. A jovem moça espera que Henrique possa comparecer à residência de sua tia, mas D. Helena informa que o barão exigiu o fechamento de portas para ele. Adiante, fica nítido que D. Cecília sente - se mal e tenta encontrar uma solução.

D. CECÍLIA – Ah! conspiram todos contra mim. (Põe as mãos na cabeça). Sou muito infeliz! Que mal fiz eu a essa gente? Helena, Salva-me! Ou eu mato-me!
Anda, vê se descobres um meio...
D. HELENA – (indo sentar-se) – Que meio?
D. CECÍLIA (acompanhando-a) – Um meio qualquer que não nos separe!
D. HELENA – Há um.
D. CECÍLIA – Qual? Dize.
D. HELENA – Casar.
D. CECÍLIA – Oh! não zombes de mim! Tu também amaste, Helena; deves respeitar estas angústias. Não tornar a ver o meu Henrique é uma ideia intolerável. Anda, minha irmãzinha. (Ajoelha-se inclinando o corpo sobre o regaço de D. Helena). Salva-me! És tão inteligente, que hás de achar por força alguma ideia; anda, pensa!
D. HELENA (beijando-lhe a testa) – Criança! supões que seja tão fácil assim?
D. CECÍLIA – Para ti há de ser fácil.
(ASSIS, 2003, p. 10).

Continuamente, D. Helena encontra um livro deixado pelo barão que parece tratar de botânica e D. Cecília diz que o material pode ser a salvação de tudo, principalmente se a sua abordagem for direcionada para os estudos de botânica. O barão chega ao local,

D. Helena fala que o entregará o livro e D. Cecília, ainda muito confusa, retira-se e vai embora.

Nesse sentido, considerando, de forma relevante, a temática do casamento e de outros aspectos enraizados na época,

[...] vê - se em *Lição de Botânica* o estilo que representa aspectos da vida burguesa que resplandecia na segunda metade do século do século XIX, no Rio de Janeiro, bem como percebe-se a predileção do mestre das letras pela nova escola, o Realismo. As personagens simbolizam os ideais da sociedade da época, revelados através de diálogos e situações cômicas vivenciadas no decorrer do texto. Dá - se especial atenção à temática do casamento, visto que as sobrinhas de D. Leonor têm nesse assunto um interessante devotado. Ora, nada mais natural para uma sociedade na qual a mulher provavelmente não teria outro modo mais rápido e eficiente de ascensão social que não fosse o matrimônio. (ZAFALON, 2017, p. 228).

Assim, podemos notar a aparição dos elementos citados em diversos diálogos da peça, bem como a presença do realismo que faz associação aos acontecimentos ocorridos no período em que o enredo da obra em estudo se passava.

Na cena IX, o barão chega ao local e D. Helena faz a entrega do livro, onde ele diz que trata-se das gramíneas. Dando prosseguimento, é gerada uma conversa entre D. Helena e o barão acerca dos estudos científicos voltados para a botânica, na qual a moça deixa claro que deste assunto sabe e estuda muito pouco. O barão, com ar de insistência, pede para acompanhá-la em seus estudos. Em seguida, a jovem reflete com mais calma e diz que irá pedir licença à sua tia para o início da investigação. A partir daí, D. Helena passa a ter uma concepção diferente acerca da personalidade do barão em relação ao que já havia sido discutido sobre ele.

D. HELENA (à parte) – O mestre é perigoso. (Alto). Tinham - me dito exatamente o contrário ; disseram-me que o Sr. Barão era... não sei como diga... era...

BARÃO – Talvez um urso.

D. HELENA – Pouco mais ou menos.

BARÃO – E sou.

D. HELENA – Não creio.

BARÃO – Por que não crê?

D. HELENA – Porque o vejo amável

BARÃO – Suportável apenas.

(ASSIS, 2003, p. 13).

O diálogo entre D. Helena e o barão toma um rumo voltado para a discordância por parte da moça no que refere-se a teoria do barão de que amor e ciência são incompatíveis. Posteriormente, D. Helena retira-se e o barão a acompanha.

Na cena X, dando continuidade, o barão questiona-se se deve voltar ao local. D. Leonor entra, depara-se com o barão e ambos passam a ter uma conversa que, no ponto de vista do leitor, torna-se engraçada pela forma na qual os personagens interagem e se comunicam um com o outro. O barão aproveita o momento para pedir autorização e, assim, poder ajudar a sua sobrinha, D. Helena, nos estudos relacionados à botânica. D. Leonor autoriza, determina um tempo para a realização dos estudos e em seguida, o barão retira-se da casa de D. Leonor.

E possível perceber, na cena XI, que D. Leonor não está tão satisfeita com a ideia de D. Helena ter interesse em aprender botânica, aproveitando para saber como está D. Cecília, sua sobrinha, após tantos acontecimentos. Sendo assim, D. Leonor exige saber se algo está fora do lugar.

A cena XII tem o seu início marcado pelos questionamentos de D. Leonor no que refere-se ao interesse de D. Helena em estudar botânica.

D. LEONOR– Explica-me que história é essa que me contou o Barão?
D. CECÍLIA (com curiosidade) – O Barão?
D. LEONOR – Parece que estás disposta a estudar botânica.
D. HELENA– Estou.
D. CECÍLIA (sorrindo) – Com o Barão?
D. HELENA – Com o Barão.
D. LEONOR– Sem o meu consentimento?
D. HELENA– Com o seu consentimento.
D. LEONOR– Mas de que te serve estudar botânica?
D. HELENA– Serve para conhecer as flores dos meus *bouquettes*, para não confundir jasmíneas com rubiáceas, nem bromélias com umbelíferas.
(ASSIS, 2003, p. 17)

Sem demora, D. Leonor diz ser contra a botânica, faz a reflexão de que a sua residência está ficando muito sueca (devido ao barão ser sueco) e precisa urgentemente voltar para as raízes brasileiras. Após isso, D. Leonor promete escrever uma carta ao barão com os seus argumentos a respeito do assunto.

A cena XIII é desenvolvida a partir da decisão do barão em cancelar o acordo feito com D. Helena, onde iria auxiliá-la nos estudos de botânica. Percebemos como nessa cena, especificamente, a comédia se encontra a partir das falas dos personagens e ao longo dos diálogos irônicos que o barão utiliza em suas percepções.

A cena XIV é marcada pelo desfecho da história. D. Leonor se depara, mais uma vez, com a insistência do barão em pedir a mão de D. Cecília para o seu sobrinho Henrique. De forma inesperada, o barão passa a ter uma concepção diferente ao olhar para D. Helena.

D. HELENA– Acabo eu. O que o Sr. Barão deseja é a minha mão.
BARÃO – Justamente!
D LEONOR (espantada) – Mas... Não compreendo nada.
BARÃO – Não é preciso compreender; basta pedir.
D. HELENA– Não basta pedir: é preciso alcançar.
BARÃO – Não alcançarei?
D. HELENA – Dê- me três meses de reflexão.
BARÃO – Três meses é a eternidade
D. HELENA– Uma eternidade de noventa dias.
BARÃO – Depois dela, a felicidade ou o desespero?
D. HELENA – (estendendo-lhe a mão) – Está nas suas mãos a escolha. (para D. Leonor). Não se admire tanto, titia; tudo isto é botânica aplicada. (ASSIS, 2003, p. 22-23).

Considerando a construção dos aspectos sociais e a vida dos personagens em toda a obra, é possível afirmar que

[...] por meio da focalização da classe média, camada social afeita à construção dos conflitos psicológicos, o escritor de *Lição de Botânica* retrata a vida presente dos personagens, realçando as características humanas, por vezes de forma estereotipada. O texto evidencia, entre outros pontos importantes, a demarcação do território teatral como espaço de construção da linguagem, representado pelos artifícios retóricos, estabelecendo um diálogo entre a civilização europeia e o texto teatral brasileiro. (ZAFALON, 2017, p. 228).

Dada as considerações de Zafalon (2017), torna - se possível compreender que a obra, em sua totalidade, aborda questões de fundamental importância para a construção de um ponto de vista mais amplo acerca do que Machado deseja manifestar na obra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo analisar a peça teatral *Lição de Botânica*, buscando refletir e compreender as marcas históricas, culturais e sociais presentes na obra de Machado de Assis. Concordamos com Roberto Schwarz: “o que estivemos descrevendo é a feição exata com que a História mundial, na forma estruturada e cifrada de seus resultados locais, sempre repostos, passa para dentro da escrita” (SCHWARZ, 2000, p. 30).

Observou - se que o autor, em seus escritos, apresenta alguns aspectos da vida burguesa do século XIX, utiliza-se da combinação entre ciência e teatro e destaca os valores sociais da época, juntamente com o papel da mulher daquele período. Não sendo o texto livre do seu contexto, em Machado de Assis temos o reflexo de um processo social da sua época onde a ideologia liberal das elites manteve práticas escusas, como, até 1888, as escravistas e, sempre, as clientelistas, pois não há nada que aconteça em um país que não tenha sido, antes de qualquer coisa, matéria para os escritores de literatura e, não

sendo a estética e o estilo de época algo forjado por uma mentalidade individual, a obra de arte nos conta, também, a respeito dos modos de sociabilidade e manutenção do poder. Isto não se dá de modo diferente em *Lição de Botânica*, onde temos um jogo pequeno burguês num clima tropical maquiado com um verniz europeizante.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Lição de Botânica**. Minas Gerais: Virtual Books, 2003.
- FILHO, Wolmyr. **Tudo Teatro: Máscara, Público e Olhar em Machado de Assis**. XI Congresso Internacional da Abralic. São Paulo, 2008.
- GARDAIR E SCHALL. **Ciências Possíveis em Machado de Assis: Teatro e Ciência na Educação Científica**. *Ciência e Educação*, v. 15 n. 3, p. 695-712, 2009.
- MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001, p. 125-139.
- MELLO, Franceli. **Machado de Assis e o Teatro: Um caso de Amor**. *O Eixo e a Roda*: v. 9/10, p. 1-324, Belo Horizonte, 2004.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: Estudo Crítico e biográfico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.
- PRADO, Décio de Almeida. **História concisa do teatro brasileiro**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 1999. p. 80.
- PINHEIRO, Gabriela. **Considerações Sobre o Teatro de Machado de Assis**. *Machado de Assis em Linha*. Ano 2, número 4. São Paulo, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.
- ZAFALON, Míriam. **A arte Historicizada: Um Viés de Leitura Para a Peça Lição de Botânica, de Machado de Assis**. *Todas as musas*. Issn 2175-1277 ano 09 número 01, 2017.